



LÍDERES E COORDENADORES JOVENS

A DIFERENÇA DE COORDENADOR E ASSESSOR

Aline Ogliari e Vinícius Borges

“Vamos decidir isso. O assessor faz depois”, “eu sou o assessor, sei do que estou falando, e estou dizendo para ser assim porque é assim que vai dar certo”, “ainda bem que nosso assessor entende a gente, e que está junto depois”, “na verdade, a gente precisava de alguém que pudesse ir nos orientando em nossas reflexões e decisões”... Frases como essas são tão comuns nos nossos espaços de grupo, de coordenações e de assessoria, e refletem elementos que precisamos dialogar: qual é nosso papel de fato quando falamos da evangelização da juventude.

Se falarmos enquanto jovem, nosso papel é de protagonismo, de estar à frente das decisões, das ações. Se falarmos como assessor/a e/ou acompanhante, nosso papel é justamente esse: assessorar e/ou acompanhar – os e as jovens dos grupos e coordenações, os processos (pessoais e pastorais) que vão acontecendo, as demandas que vão sendo geradas. Junto a isso, para ambos, é fundamental que se desenvolva a sensibilidade aos sinais que são dados nos espaços.

Evangelizar jovens é, sobretudo, um desafio. Além de tudo aquilo que se apresenta como desafiador pelo simples fato de se anunciar uma mensagem provocadora, como é a de Jesus, temos as especificidades do universo juvenil. O discurso para construir um diálogo com os e as jovens passa por uma linguagem própria, imbuída de elementos que respeitem as múltiplas realidades onde o jovem está inserido.

Por isso mesmo é tão importante pensar uma Evangelização que passe pelo Protagonismo Juvenil. Ora, protagonizar é liderar, se tornar “personagem principal” de processos. Isso, obviamente, não quer dizer que o protagonista é aquele que faz tudo sozinho. Aliás, protagonismo jamais será ditadura. Assim também deve ser na Evangelização das Juventudes. É o/a jovem que evangeliza jovem, respeitando o outro e a outra, e construindo com ele e ela.

É comum, portanto, a figura do coordenador e/ou da coordenadora, referendado pelo grupo que representa, e com certo processo pastoral já amadurecido. É, talvez, a primeira função propriamente definida que um jovem e uma jovem



LÍDERES E COORDENADORES JOVENS

assumem na missão evangelizadora. É a tarefa de liderar um grupo, conduzir uma atividade ou coordenar ações. Um coordenador ou uma coordenadora pode exercer algumas tarefas sozinho/a ou num grupo de coordenadores/as que trabalham integrados e integradas. Porém, mesmo aqueles que coordenam sozinhos, devem estar abertos a ouvir, partilhar e construir junto com seu grupo e/ou comunidade.

Todo esse processo deve estar fincado à luz da Palavra, que orienta, estimula, ajuda a discernir. A coordenadora e o coordenador não podem, deste modo, estar distantes daquilo que Deus diz, tampouco da busca constante por formação e crescimento pastoral e espiritual.

Se estamos falando de Protagonismo Juvenil, estamos dizendo que quem assume as ações é, necessariamente, o e a jovem. Porém, existe espaço para os adultos que queiram estar e contribuir com a Evangelização? Obviamente que sim. Tão importante quanto a presença deles e delas, é a necessidade de existir quem possa acompanhar.

É aí que surge a figura do/a assessor/a, e do/a acompanhante (que são serviços diferentes, mas que serão mais bem abordadas na próxima etapa). Os/as assessores/as, tanto quanto os/as coordenadores/as, devem saber o papel do e da jovem na Evangelização. Isso significa que se respeita o Protagonismo Juvenil. Ele/ela acompanha, mas sabe que é essencial para o crescimento dos e das jovens a participação efetiva nas ações.

O Documento Civilização do Amor – Projeto e Missão, do CELAM, apresenta algumas habilidades a serem cultivadas no serviço do acompanhamento: a capacidade da escuta, de entrar no mundo da outra pessoa, de conter e aceitar o conteúdo emocional, de acreditar em suas próprias convicções, de ser paciente e saber esperar, e de planejar com os jovens e as jovens em todas as instâncias, desde o grupo até o nível mais amplo (CAPyM, n. 657).

A partir da experiência acumulada na caminhada junto, o/a assessor/a e acompanhante, conseguem ter um olhar de maior alcance sobre as consequências que serão desencadeadas a partir das decisões tomadas pelo grupo. Nesse sentido, ele/ela reflete, orienta, e assume a decisão junto com o grupo porque respeita o protagonismo dos e das jovens – mesmo que sabe que a decisão poderá trazer problemas depois.



LÍDERES E COORDENADORES JOVENS

Geralmente se usa a passagem bíblica dos discípulos de Emaús para rezar o serviço da assessoria e do acompanhamento. Aqui, porém, a provocação será um olhar para a pessoa de Isabel, como acompanhante de Maria. Isabel já era casada há tempo, com longos anos vividos, e onde a “espera social” pela sua maternidade já era aceita. Mas, assim como Maria, Isabel também estava descobrindo como era ser mãe, e não se furtou de descobrir cada detalhe, e nem de ajudar Maria a descobrir também, inclusive no reconhecimento do Salvador que Maria carregava no ventre. Acolheu e cuidou de Maria, nos dilemas que poderiam estar passando pela cabeça da jovem mulher (cf. Lc 1, 39-56).

O assessor ou a assessora é figura espiritual de quem acompanha, aconselha e ajuda a iluminar caminhos. Aponta os equívocos, elucida virtudes e elenca desafios. Ele/ela é ombro amigo, ouvido misericordioso, presença efetiva.

O coordenador ou a coordenadora devem saber conviver com a assessoria adulta de forma harmoniosa. Precisam saber ouvir também, mas tendo a consciência de que o protagonismo é seu. O/a assessor/a deve acreditar no/na jovem, mesmo quando vislumbra que as decisões possam ser equivocadas. Mas ele, apesar de ter a responsabilidade de avisar, não pode passar por cima. Mais que isso: vai assumir junto as consequências.

Outro cuidado que precisa ter, é que “assessoria” não é um processo automático para quem sai de coordenações. Assessoria não é uma “promoção” para coordenador/a “aposentado/a”. Precisa-se entender que assessoria é vocação, e que nem todo mundo é chamado a essa vocação porque não tem características pessoais para tal. Isso precisa ser um dado leve e tranquilo na construção do projeto pessoal de vida.

O coordenador e a coordenadora devem ser democráticos. Não podem centralizar decisões, tampouco “deixar as coisas rolarem”. Por outro lado, a assessoria não pode ser ausente. O acompanhamento exige, por vezes, silêncio, mas exige sempre o cuidado e a presença que fortalece.

Todos e quaisquer serviços que se colocam nesse processo de construção da Civilização do Amor precisam ser testemunhais. Como João Batista anunciava que alguém maior que ele estava por vir, e que “é preciso que ele cresça e eu diminua” (Jo 3, 30), assim também é a figura do/a assessor/a, que dá lugar para que o/a jovem cresça em seu protagonismo.



LÍDERES E COORDENADORES JOVENS

Como líderes, os coordenadores e as coordenadoras, no amadurecimento de seu processo, também precisam ir testemunhando o seguimento ao Jovem – formando e formador – de Nazaré. Buscar n’Ele as características de sua liderança: amável, paciente, justo, de boa escuta, de oração, de convicções, de observância, de vivência do “poder-serviço”, de criatividade, humildade, compromisso, fidelidade...

Para testemunhar, é preciso conhecer Jesus, se encantar e se re-encantar com Ele e com o seu Projeto. O Evangelho de Marcos é uma boa leitura para conhecermos cada vez mais o Mestre. Talvez, como uma proposta de exercício pessoal, fica a provocação para essa leitura atenta, e onde se possa ir identificando as características da ação e da liderança de Jesus.

PERGUNTAS:

Vamos fazer o exercício de observar uma das experiências de grupos que conhecemos?

A partir do que conversamos nessa breve reflexão:

- Quais são as características do/a líder do grupo?
- Quais as características da pessoa que acompanha o grupo? Há acompanhamento?
- Olhando para nossa caminhada pessoal, como identificamos nosso protagonismo no processo de evangelização da juventude? Qual foi/é nossa relação com nosso/a assessor/a?

REFERÊNCIA:

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Civilização do Amor** – Projeto e Missão. Brasília, Edições CNBB. 2013.